

Um homem; múltiplas competências.

Em 1946, o jovem gaúcho José Goldemberg, que acabara de entrar em Química na Universidade de São Paulo (USP), resolveu largar o curso e prestar vestibular para Física. As duas decisões causaram desgosto em uma de suas irmãs, que torcia para que ele seguisse uma carreira que entendia ser mais promissora: a Engenharia. Passados 70 anos, a trajetória acadêmica de Goldemberg indica que ele teria tido uma carreira exponencial em qualquer área das Ciências Exatas. E que, mesmo não tendo feito Engenharia, acabou por contribuir para a formação de engenheiros. Goldemberg foi professor da Escola Politécnica da USP de 1968 até 1970.

Recém homenageado pela USP com o título de Professor Emérito, Goldemberg é daquelas pessoas que têm um currículo tão rico e diverso que se torna tarefa complexa encontrar uma definição de entrada para ele. Professor? Cientista? Intelectual? Gestor? Homem público? Ambientalista?

Da física nuclear às energias renováveis

Desde que mudou de curso, em 1947, até os últimos anos da década de 1970, foi a Física que recebeu as atenções prioritárias de Goldemberg. Teve aulas com o ítalo-ucraniano Gleb Wataghin, formador de uma geração de físicos brasileiros e, em 1950, foi contratado pela USP para trabalhar com o Betatron – um tipo de acelerador de elétrons.

Em 1954 obteve o grau de doutor pela USP e, em seguida, a livre-docência. Trabalhou em diversas universidades estrangeiras, como a Universidade de Illinois, a Universidade de Stanford e a Universidade de Princeton, intercaladas por temporadas no Brasil. Na década de 1960, ganhou de presente da Universidade de Stanford, como doação, um acelerador no valor de cerca de US\$ 1 milhão. O equipamento ajudou a modernizar as instalações de Física Nuclear da USP.

Com a reforma universitária, em 1970, foi transferido da Escola Politécnica, onde era professor de Física Experimental, para o Instituto de Física. Teve um

papel importante para o crescimento do Instituto, do qual foi diretor, e também na criação da Sociedade Brasileira de Física. No período do regime militar, foi uma das poucas vozes da sociedade civil que criticaram a política nuclear do governo, opondo-se à estratégia de importar tecnologia nuclear sem transferência de tecnologia.

Foi em 1978, após ter um artigo publicado na revista *Science*, que sua produção científica enveredaria para a questão ambiental. No trabalho, ele mostrou que os biocombustíveis derivados da cana-de-açúcar poderiam reduzir o uso dos combustíveis fósseis no Brasil e, assim, diminuir os danos ao meio ambiente. O estudo encorajou os esforços do governo brasileiro, que tinha lançado um programa de biocombustíveis em 1975, chamado Pró-Álcool, em resposta à crise internacional do petróleo. Ao demonstrar o equilíbrio energético positivo dos biocombustíveis, e acrescentando uma dimensão ambiental ao argumento, Goldemberg reforçou o apoio ao programa de biocombustíveis do Brasil, ajudando a garantir sua viabilidade a longo prazo.

Como consequência, tornou-se um dos principais defensores da adoção de tecnologias de vanguarda, principalmente energias renováveis, para promover o crescimento econômico nos países em desenvolvimento evitando que eles repetissem a trajetória poluente que os países industrializados seguiram no passado.

Na esteira do artigo, veio a projeção internacional. Entre outras honrarias, figurou numa lista de 13 “heróis mundiais do meio ambiente” da revista *Time*. Recebeu da Asahi Glass Foundation, do Japão, o Prêmio Planeta Azul – o mais importante da área do meio ambiente –, e o Zayed Future Energy Prize, dos Emirados Árabes.

Gestor competente

No momento em que o Brasil ensaiava a transição para a democracia, foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre 1979 e 1981. Goldemberg era vice-presidente da entidade, mas foi alçado ao comando com a renúncia de José Reis.

Encerrado o ciclo autoritário, ele assumiu diversos cargos públicos. Foi presidente da Companhia Energética de São Paulo (Cesp) de 1982 a 1985; reitor da USP de 1986 a 1990; secretário de Ciência e Tecnologia; secretário do Meio Ambiente da Presidência da República e ministro da Educação entre 1991 e 1993, além de secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo de 2002 a 2006.

Como reitor da USP, Goldemberg teve um papel importante na conquista da autonomia financeira das universidades paulistas, ao lado de Jorge Nagle e Paulo Renato Souza, reitores da Unesp e Unicamp na época. Coube a eles levar ao governador Orestes Quécia a proposta de fixação de uma fração do ICMS para as universidades.

Partiu de Goldemberg também a iniciativa de avaliar a produtividade e a qualidade da produção científica dos docentes da USP, assim como a reforma do seu Estatuto, que deu maior participação aos docentes e estudantes nos colegiados da Universidade.

Foi nesse período também que ele participou da criação do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp).

Nessa época, seu interesse pelas questões ambientais foi acentuado, escrevendo sobre temas como as mudanças climáticas, a biodiversidade e o buraco na camada de ozônio. Na USP, promoveu a criação do programa de pós-graduação em Ciência Ambiental.

Como homem público, costuma ser lembrado pelo protagonismo na RIO-92. Coube a ele, como Secretário de Meio Ambiente da Presidência da República, representar o Brasil em vários eventos preparatórios da Conferência com os governos da Índia, China, Estados Unidos e inúmeras organizações não governamentais.

Na Secretaria Estadual do Meio Ambiente, teve um papel fundamental na viabilização da colheita mecanizada da cana-de-açúcar para eliminar a emissão de poluentes gerada pela queima da palha da cana.

Educação, a base de tudo

Aos 88 anos, casado pela segunda vez, pai de quatro filhos e avô de seis netos, José Goldemberg é natural da cidade gaúcha de Santo Ângelo. Era o caçula de quatro filhos de um casal de judeus russos que migrou para o Brasil no início do século passado para trabalhar na agricultura. Perdeu a mãe aos 5 anos e foi criado pelo pai e as três irmãs mais velhas. Em 1935, a família transferiu-se para Porto Alegre, onde Goldemberg fez sua formação no ensino fundamental e médio no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. De lá, foi para São Paulo onde prestou vestibular na USP e começou sua carreira.

Goldemberg foi o primeiro membro da família a completar o curso superior. “Educação não só mudou a minha vida, como a de todos os meus filhos e netos. Além disso, me permitiu trabalhar para melhorar a pesquisa científica e a educação no Brasil”, disse em uma entrevista à revista *Educar para Crescer*.

Autor de inúmeros trabalhos técnicos e vários livros sobre Física Nuclear, meio ambiente e energia em geral, Goldemberg continua ativo. Depois da aposentadoria como professor da USP, vinculou-se ao Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP. Em setembro de 2015 tornou-se presidente da Fapesp – a maior fundação de amparo à pesquisa do País.
